

ROCK PELOTENSE NOS ANOS 1990: CENA, MEMÓRIA E IDENTIDADES DE UMA PRÁTICA ROQUEIRA NO EXTREMO SUL DO BRASIL

DANIEL RIBEIRO MEDEIROS¹; ISABEL PORTO NOGUEIRA (Orientadora)²;
MARIA LETÍCIA MAZZUCCHI FERREIRA (Co-orientadora)³

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – danielribeiromedeiros@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – isabel.isabelnogueira@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – leticiamazzucchi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo apresentar e refletir sobre alguns aspectos que estão emergindo no escopo do projeto de tese *Rock pelotense nos anos 1990: cena, memória e identidades de uma prática roqueira no extremo Sul do Brasil*, iniciado no ano de 2013. Em linhas gerais, esta investigação visa a compreensão de todo um complexo sócio-cultural que contribuiu para a conformação do sistema mnemônico que sustentou a memória social/cultural do que entende-se como *comunidade rock* (JACQUES, 2010) *pelotense dos anos 1990*. Além disso, a partir das narrativas dos depoentes, visa-se compreender, na relação do eu-presente acerca do eu-passado, como este sistema mnemônico local contribuiu para a conformação das experiências e identidades dos sujeitos envolvidos neste contexto. Este projeto está sendo realizado no PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural (ICH) da UFPEL, envolvendo uma perspectiva interdisciplinar que dialoga com áreas como sociologia, antropologia, história, musicologia, etnomusicologia, dentre outras.

Entende-se o sistema mnemônico a partir de uma série de pressupostos relacionados à complexidade envolvida no objeto de estudo. CANDAU (2005; 2011), contribui com uma visão na qual memória e identidade são paradigmas interdependentes, principalmente no que diz respeito às dimensões da *protomemória* (*habitus*), *memória de alto-nível* (ato de recordação, voluntário ou involuntário) e *metamemória* (representação identitária do eu-indivíduo e do eu-coletivo) (CANDAU, 2011, p.23-24). Além disso, discute a memória coletiva a partir da crítica às noções essencialistas (retóricas holistas) (CANDAU, 2011, p.30-50). CONNERTON (1989), dialoga com CANDAU (2005; 2011) na medida em que trata das práticas corporais enquanto memória corporificada (*protomemória*). E vai além: os significados que essas corporificações encerram nas representações sociais (dimensão *metamemorial*), nas identidades.

Através da noção de *lugares de memória* (NORA, 1993) e autores como FLÉCHET (2011), SHUKER (2005), CANDAU (2005) e RICOEUR (2000), observa-se os festivais de rock enquanto espaços de articulação de múltiplos sócio-transmissores “ao vivo”, ou seja: como espaços de performatização e ritualização da memória coletiva da *comunidade rock pelotense dos anos 1990*. Além disso, CONNERTON (1989) e FINNEGAN (1989) contribuem para a compreensão dos significados da dimensão calendrical (organização temporal da memória) envolvida na realização destes festivais, o que leva à compreensão de sentidos sócio-culturais.

Autore(a)s como HALBWACHS (1990), RICOEUR (2000), MAGNANI (2002), FINNEGAN (1989), STRAW (2004), dentre outro(a)s contribuem para a compreensão das relações entre *comunidade rock pelotense*, cena e o *underground* com o espaço urbano na cidade: as ocupações e os sentidos dos espaços de convivência (cotidiana, festivais, etc). Na medida em que boa parte do

que entende-se como *comunidade rock pelotense dos anos 1990* esteve apoiada na ética “faça você mesmo” (*do it yourself*), BECKER (1974; 1982) traz uma perspectiva para a compreensão das práticas artístico-culturais que conformaram essa rede (ou redes) independente de cooperação que delinea um caminho que vai desde a produção à execução de obras.

A noção de *paisagem sonora* de SCHAFER (2011), por exemplo, auxiliará ainda na compreensão do(s) som(ons) como parâmetro(s) mnemônico(s) (seja em nível *protomemorial*, *memória de alto-nível* ou *metamemorial*) cuja(s) qualidade(s) físico-acústica(s) possuíam (ou possuam) sentidos simbólicos culturalmente significativos. A partir de um ponto de vista sócio-antropológico, TURINO (2008), na medida em que observa a música enquanto elemento de integração social, tanto no que diz respeito à *performance* musical (execução, bandas, grupos, público, nações, etc), à dança e à escuta, traz uma perspectiva importante para a relação entre música e identidades.

Essa breve apresentação, embora não encerre a totalidade da revisão de literatura realizada até o momento, apresenta, em linhas muito gerais, alguns aspectos que permeiam o enfoque e a abordagem que podem dar conta do objetivo de nosso projeto de tese.

2. METODOLOGIA

A coleta de dados vem sendo realizada através de pesquisas bibliográficas, entrevistas e coleta de materiais junto aos depoentes. No que tange ao levantamento bibliográfico, vem sendo considerados livros, teses, dissertações e artigos dentro de um escopo amplo, perpassando desde autores ligados à memória social, cultural, história, sociologia, antropologia, musicologia, dentre outras áreas.

Os documentos materiais envolvem uma série de artefatos produzidos pela própria *comunidade rock pelotense dos anos 1990*, tais como fotografias, cartazes, *flyers*, vídeos, CDs e fitas *demo*, dentre outros. Tratam-se de documentos que do ponto de vista da memória social-cultural possibilitam o acesso uma série de *sócio-transmissores* (CANDAU, 2005) que contribuíam para a transmissão de elementos simbólico-sociais e para a manutenção de uma memória coletiva (CANDAU, 2011). Dessa forma, as análises iconográficas fazem parte do processo metodológico, por exemplo.

A oralidade está presente em nosso trabalho através de entrevistas que estão sendo realizadas com sujeitos que participaram tocando em bandas e/ou ajudando na formação de bandas, organização de festivais, dentre outras atividades ligadas à(s) cena(s) *rock (underground* ou não) local nos anos 1990. As entrevistas pautam basicamente pela noção de *autoridade compartilhada* (PORTELLI, 2010, p.5), na qual busca-se um equilíbrio entre as dimensões *ética* e *êmica* na produção do conhecimento. Dessa forma, entende-se que as narrativas atuam como formas discursivas através das quais as pessoas passam a externar experiências, ideologias, estados psíquicos, tradições, etc, caracterizando-se como "histórias"; "histórias de vida"; "histórias sociais" (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p.90).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na medida em que a investigação encontra-se no segundo ano de sua realização, cabe ressaltar que a coleta de dados vem ocorrendo desde fins de

2013. Dessa forma, as discussões aqui trazidas correspondem a uma pré-análise acerca das relações entre bibliografias, entrevistas e documentos levantados. Buscar-se-á uma reflexão do que se apresenta até o momento.

O levantamento, leitura e reflexões oriundas da ampla bibliografia levantada, tem proporcionado uma série de noções, conceitos, práticas metodológicas, bem como perspectivas investigativas. Estes elementos têm contribuído para com os olhares, as interpretações e compreensões acerca do objeto de estudo. Exemplos disso passam a surgir quando observamos que os festivais podem ser compreendidos enquanto *lugares de memória*, pois encerram os três sentidos da noção de NORA (1993): simbólico, material e funcional; dos cartazes e *flyers* de divulgação de festivais organizados e performatizados pela *comunidade rock pelotense dos anos 1990* como *sócio-transmissores*¹ (CANDAU, 2005) que contribuem, por exemplo, para a lembrança acerca da realização destes eventos que “introduzem uma ruptura no cotidiano e criam espaços de composição e/ou recomposição do corpo social” (FLÉCHET, 2011, p.258); a partir da perspectiva da *protomemória* (CANDAU, 2011), entende-se a escuta como uma experiência que conforma uma espécie de memória-hábito de bases auditivas, na medida em que a partir de suas dimensões físico-acústicas, a música proporciona sensações sinestésicas que são internalizadas, construídas e transmitidas através da linguagem e toda uma simbologia imagética; dentre outros aspectos. Não podemos esquecer a linguagem, através de toda a simbologia e imaginário que carrega, também contribui para a delinear a experiência da escuta como um dado sócio-cultural e identitário.

É importante destacar que essas perspectivas trazidas acima vêm emergindo nas narrativas da maioria dos depoentes, embora dentro das maneiras como os mesmos possuem para externar estes parâmetros.

O roteiro de entrevistas tem ajudado a levantar dados imprescindíveis no que tange à compreensão de todo o sistema mnemônico que deu sustentação à memória coletiva da *comunidade rock pelotense dos 1990*. São dados referentes a (ou aos): como os depoentes chegaram ao rock, mostrando como os quadros sociais (família, amigos na escola, outros ambientes, etc) se apresentam como caminhos significativos neste processo de iniciação; referentes aos valores relacionados ao rock que mais lhes chamaram atenção à época (*ethos*); processos de aprendizagem e transmissão de conhecimentos musicais; sobre o acesso aos mais diversos materiais como revistas, LPs, fitas cassette, CDs, etc; os lugares relacionados ao *rock* em Pelotas nos anos 1990 (bares, casas noturnas, etc); dentre tantos outros aspectos. Em suma, as entrevistas permitem o acesso a todo um conjunto de dados ligados às sociabilidades, à cultura, aos valores, às significações, dentre outros elementos que contribuíam para a conformação e manutenção de um sistema mnemônico da *comunidade rock pelotense dos 1990*, bem como contribuíam para sua dinâmica identitária.

4. CONCLUSÕES

Como pode-se observar, até o momento não há como apontar resultados a respeito da pesquisa. No entanto, os dados coletados e pré-analisados a partir da pesquisa de campo (entrevistas) e suas relações com parâmetros teórico-conceituais obtidos através da pesquisa bibliográfica, apontam para uma perspectiva de inovação. Isso pode ocorrer na medida em que as relações entre o

¹ “Qualquer coisa do mundo (tangível ou intangível) que permite estabelecer uma cadeia causal cognitiva entre pelo menos dois espíritos-cérebros” (CANDAU, 2005, p.209).

contexto sócio-cultural estudado, os objetivos que se pretende atingir e o enfoque de nosso estudo envolve uma temática pouco, senão, sequer trabalhada. Sem falar no som enquanto recurso conformador de memória. Dessa forma, acredita-se que este trabalho possa vir a contribuir com novas perspectivas de pesquisa acerca de temáticas que lidem com música popular, *rock*, cenas musicais, etc, em áreas como sociologia, musicologia, etnomusicologia, antropologia, dentre outras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MAFESOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- CANDAU, J. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- _____. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CONNERTON, P. **How societies remember**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- SHUKER, R. **Popular Music: the Key concepts**. Routledge: New York, 2005.
- RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- FINNEGAN, R. **The hidden musicians: music-making in an English town**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- BECKER, H. **Art worlds**. California: University of California Press, 1982.
- SCHAFER, R. M.. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. Trad. Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- TURINO, T. **Music as Social Life: the politics of participation**. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.
- JOVJELOVITCH, S.; BAUER, M.. Entrevista narrativa. In BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Org.) **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 90-113.
- JAQUES, T. de A. Comunidade Rock: visões de mundo e categorias musicais. **Música e Cultura**. n.5, p.1-11. 2010. Disponível em: <<http://www.musicaecultura.ufsc.br/artigos-05/MeC05-Jacques-Rock.pdf>>.
- NORA, P.. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, Rio de Janeiro. n.10, p.7-28, 1993. Disponível: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>.
- FLÉCHET, A.. Por uma história transnacional dos festivais de música popular: música, contracultura e transferências culturais nas décadas de 1960 e 1970. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v.7, n.1, p.257-271, 2011.
- MAGNANI, J. G. C.. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.49, p.11-29, 2002.
- BECKER, H. Art as a collective action. **American Sociological Review**, v.39, p.767-776, 1974.
- PORTELLI, A.. História Oral e Poder. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v.6, n.2, p.2-13, 2010.
- STRAW, W. Cultural scenes. **Loisir et société/Society and Leisure**, Québec, v.27, n.2, p.411-422, 2004.